



TRILHA ECOLÓGICA JOSÉ THEODOMIRO ARAÚJO: UMA EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) – CAMPUS III – JUAZEIRO-BA

LUCAS BELFORT DE FRANÇA; FELIPE RODRIGUES BOMFIM

RESUMO

Visando a sensibilização das comunidades acadêmicas e não acadêmicas da região do Vale do São Francisco acerca da importância das espécies florestais nativas do bioma Caatinga e, também, da preservação da mata ciliar do rio São Francisco, a Trilha Ecológica José Theodomiro Araújo surge como importante instrumento metodológico para, dentre outros, trabalhar a educação ambiental. Isso ocorre, pois a trilha se localiza em uma Área de Proteção Permanente (APP), as margens do rio São Francisco, e ainda dispõe de equipamentos agroecológicos e culturais em seu envoltório, como viveiros de plantas nativas, estação meteorológica e um Aqueduto tombado pelo Instituto de Patrimônios Artísticos e Culturais da Bahia (IPAC), que ainda funciona e direciona água para todo o Campus III. Ou seja, instrumentos que potencializam a experiência e criam saberes interdisciplinares inestimáveis ao conhecimento e, conseqüentemente, ao bioma Caatinga.

Palavras-chave: Caatinga; Educação Ambiental; Agroecologia; Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico é fruto de um relato de experiência que decorreu de uma visita de campo ao Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), com foco na trilha ecológica José Theodomiro de Araújo. A visita foi fruto de uma aula da disciplina de Agroecossistemas Sustentáveis no Bioma Caatinga, do programa de Pós-graduação Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), polo UNEB, através das professoras Dra. Gertrudes Oliveira e Dra. Maria Herbênia Cruz.

A trilha em questão foi criada nas margens do rio São Francisco, no Campus III da UNEB, localizada na cidade de Juazeiro, no Semiárido baiano, no ano de 2006, e possui 1,5km de extensão. Além disso, foi criada com o intuito de mostrar a importância da mata ciliar para a preservação do rio São Francisco.

É importante ressaltar que as trilhas ecológicas são projetadas para serem sustentáveis e minimizar impactos causados principalmente pela ação antrópica. Sendo assim, as plantas nativas que compõem a mata ciliar são essenciais para conter processos de degradação do solo e do próprio rio, como a erosão e o assoreamento.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivos: relatar o passeio de campo feito no DTCS da UNEB – Campus III; discutir a importância da trilha ecológica para a conservação e preservação das plantas nativas da Caatinga e da mata ciliar do rio São Francisco; descrever a Trilha Ecológica José Theodomiro de Araújo e sugerir melhorias para a mesma.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os A primeira parte da visita de campo iniciou no viveiro do Campus, que é um importante equipamento pedagógico e ambiental, e que foi instalado no ano de 2011, sendo fruto de um projeto aprovado pelo antigo Instituto de Gestão das Águas e Climas (INGÁ), hoje chamado Instituto do Meio ambiente e Recursos Hídricos (INEMA). O viveiro foi criado com objetivo de produzir plantas nativas para recomposição de mata ciliar no Submédio São Francisco.

A coordenação do viveiro, assim como do curso de Engenharia Agrônômica, e do Centro de Agroecologia, Energias Renováveis e Desenvolvimento Sustentável (CAERDES), que fazem parte do Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais (DTCS), da UNEB, é a professora doutora Maria Herbênia Cruz, que realiza um trabalho de identificação, mapeamento e seleção de flores e sementes de espécies nativas da Caatinga.

O viveiro já teve mais de 40 espécies produzidas através de propagação por semente, porém por falta de mão de obra, hoje conta com a produção de 15 espécies, sendo elas: Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*); Catingueira (*Poincianella pyramidalis*); Pau-ferro (*Libidia férrea*); Tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*); Aroeira (*Schinus terebinthifolia*); Mulungu (*Erythrina velutina*); Macambira-de-flecha (*Encholirium spectabile*); Umbuzeiro (*Spondias tuberosa*); Umburana de Cheiro (*Amburana cearenses*); Caraibeira (*Tabebuia Aurea*); Baraúna (*Schinopsis brasiliensis*); Ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*); Ipê-rosa (*Handroanthus heptaphyllus*); Ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*) (Fig. 1).



Figura 1 – Viveiro de Mudanças do DTCS. Fonte: o autor (2023).

Na segunda parte da visita, nos deparamos com o Aqueduto do Horto Florestal de Juazeiro, que é um monumento centenário, ou seja, histórico, e que é o único da cidade que é tombado pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). O tombamento

desse importante patrimônio aconteceu no ano de 2008 (Fig. 2).



Figura 2 – Aqueduto do Horto Florestal de Juazeiro. Fonte: o autor (2023).

Além disso, esse Aqueduto também é o único do país que está em seu pleno funcionamento, sendo ele o responsável pelo abastecimento de água de todo o Campus III.

A terceira parte da visita foi a trilha ecológica José Theodomiro Araújo, que fica no DTCS da UNEB, e funciona desde o ano de 2006, além de estar localizada em uma APP e ter aproximadamente 1,5km de extensão, não possuindo acessibilidade para PcD.

A trilha em questão também tem a maior representatividade de plantas da mata ciliar ao longo da Bacia do São Francisco, o chamado Cinturão Verde. Além disso, no Brasil, segundo o Código Florestal (lei 12.651/2012), em seu art. 4º, afirma que:

I – as faixas marginais de qualquer curso d'água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de:

- a) 30 (trinta) metros, para os cursos d'água de menos de 10 (dez) metros de largura;
- b) 50 (cinquenta) metros, para os cursos d'água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;
- c) 100 (cem) metros, para os cursos d'água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;
- d) 200 (duzentos) metros, para os cursos d'água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;
- e) 500 (quinhentos) metros, para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros. (BRASIL, 2012).

No caso do ambiente observado, como o rio possui mais de 600 metros de largura, a mata ciliar precisa ter 500 metros da margem, e essa delimitação é respeitada.

É importante ressaltar que a mata ciliar funciona como um filtro do ambiente aquático, de modo a impedir que sujeiras sólidas cheguem até esses locais, evitando ou diminuindo também a presença de sedimentos trazidos com a água das chuvas ou poluição. De acordo com Chabaribery et al. (2007 p.2):

As matas ciliares são fundamentais para o equilíbrio ambiental, sendo que em escala local e regional, protegem a água e o solo, reduzindo o assoreamento dos rios e o aporte de poluentes, criam corredores favorecendo o fluxo gênico entre remanescentes florestais, fornecem alimentação e abrigo para a fauna e funcionam como barreiras naturais contra a disseminação de pragas doenças nas lavouras.

O que foi possível ver na trilha é que a ação antrópica atinge bastante a área, pois foi possível encontrar resquícios de queimadas, descarte de lixo e desmates de plantas para os mais diversos fins. Além disso presenciemos também outros impactos através das plantas invasoras que se propagam na Caatinga, como o Nim (*Azadirachta indica*) e a Algaroba (*Prosopis juliflora*), que prejudicam o Bioma, causando desequilíbrios (Fig. 3).



Figura 3 – Trilha Ecológica José Theodormiro Araújo. Fonte: o autor (2023).

Também foi possível notar a importância que a mata tem para o leito do rio, pois há alguns focos de erosões e assoreamento em pontos da trilha. De acordo com a SEMARH-BA (2007, p. 12): "Como os cílios protegem nossos olhos, as matas ciliares protegem os rios, servindo como um filtro, mantendo a qualidade e a quantidade das águas".

O passeio finaliza na estação meteorológica da UNEB, onde foi construída também em 2006. Esse equipamento está sob a coordenação da professora Dra. Gertrudes Oliveiras, que também é diretora o DTCS da UNEB – Campus III. Ela nos conta que a estação segue todas as regras impostas para seu pleno funcionamento, como ser gramada, cercada e estar fora dos limites urbanos (Fig. 4).



Figura 4 – Estação Meteorológica da UNEB. Fonte: o autor (2023)

Ou seja, é uma ferramenta fundamental de monitoramento, que serve também para auxiliar agricultores em relação as condições climáticas meteorológicas na lavoura.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É de extrema importância que a consciência ambiental seja estimulada na população. E a trilha ecológica José Theodomiro de Araújo se mostra como um excelente instrumento metodológico e pedagógico, que aborda de maneira interdisciplinar temas múltiplos que enriquecem as discussões e engrandece o conhecimento.

Além de entender a ideia de convivência com o semiárido, é possível perceber o quanto a Caatinga precisa de proteção e atenção. Depois, todo o manejo com a plantas nativas do viveiro e o cuidado em preservar a mata ciliar da APP, causa um sentimento de pertencimento e uma vontade elucidada de proteger, conservar e preservar. Conhecer a história do Aqueduto, sua importância histórica e cultural, e como ele ainda resiste imponente as ações do tempo e do homem, ainda em bom e pleno funcionamento, é também gratificante e rico.

E fazer a trilha é uma aula social grandiosa, pois além de mostrar a beleza da vegetação e a importância da mata ciliar para o rio São Francisco, ainda é possível assistir os fatores antrópicos que desencadeiam a devastação dessa floresta nativa como as queimadas, desmates para diversos fins, e o descarte de lixo de maneira inapropriada. Ademais, podemos também observar processos erosivos, assoreamento, a presença de plantas invasoras como o Nim e a Algaroba e como elas se espalham de maneira tão rápida.

4 CONCLUSÃO

Fica evidenciada a importância da trilha ecológica José Theodomiro Araújo para a reflexão quanto a educação ambiental, a interação com o ecossistema, as plantas nativas e os fenômenos que podem impactar a APP e o rio São Francisco.

É importante salientar também, e isso serve como proposta, que o viveiro, o aqueduto e a estação façam parte da trilha ecológica, abrindo espaço para uma discussão interdisciplinar, oferecendo mais conhecimento a quem a visita.

Para mais, fica a sugestão também para que a trilha ecológica da UNEB ofereça acessibilidade não apenas para o público PCD, mas também para idosos; Placas Informativas QR Code, onde o público poderá observar as espécies nativas de maneira dinâmica e utilizando tecnologia; Área de Convivência, onde eles poderão ter um espaço direcionado para discussões

e recreação; Área de Restauração Ecológica, onde eles poderão, nesta área, plantar uma muda vinda diretamente do viveiro e contribuir para a restauração da mata ciliar, além de poder acompanhar seu crescimento e desenvolvimento sempre for fazer a trilha.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – Semarh. Recomposição Florestal de Matas Ciliares. Salvador: **Gráfica Print Folhes**, 3.ed.rev. e ampl. 2007.

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Institui o novo código florestal brasileiro.

CHABARIBERY, D. et al. **Avaliação do processo de implantação de projetos demonstrativos para a recuperação de matas ciliares**. São Paulo: IEA/SAA/SMA: mar. 2007. (Relatório Parcial). Disponível em: <<http://www.sigam.ambiente.sp.gov.br/Sigam2/Default.aspx?idPagina=2889>>. Acessado em abril. 2023.